

NA FRENTE DO CENTRO DE ENSINO 1, DA VILA PLANALTO, CARROCEIROS ESPERAM SEUS FILHOS

DE CARROÇA ATÉ A ESCOLA

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Asirene anunciando o fim das aulas só tocava dali a uma hora, mas a carroça já estava estacionada do lado de fora da escola. Dentro dela, deitado sob o sol forte das onze e meia da manhã, o cataro de papel dormia, à espera dos dois filhos.

Poucos minutos antes da sirene tocar, o baiano Ernandes Ferreira, de 29 anos, acorda. Perto dele e do portão da escola, outras carroças vão chegando. Os vira-latas atrás, latindo.

A rotina na porta do Centro de Ensino 1, na Vila Planalto, é exatamente a mesma de segunda a sexta-feira. A três quilômetros do Palácio do Planalto e do Congresso Nacional, as carroças fazem fi-

la. São meio de transporte comum para os alunos pobres, que moram em invasões nos cerrados próximos ao antigo acampamento dos operários-candangos da capital. Dos 130 alunos que moram em barracos de madeirite no meio do mato, pelo menos 40 chegam à escola e voltam para casa de carroça.

Entre o fim do turno matutino, meio-dia e meia, e o começo do vespertino, às 13h, os pais de chinelo nos pés, dentes estragados e rédeas firmes na mão, esperam ou deixam os filhos na escola com o orgulho de quem acredita num futuro melhor para eles. "Se Deus quiser, vão aprender pelo menos a metade que eu sei", diz a baiana Roseane Vieira da Paz, 21, que nem lê nem escreve. Ela é mãe de três crianças. Rosângela, de 7 anos, a mais velha, faz a 1ª série.

Vergonha de andar em carroças é algo que as crianças das invasões não tinham, mas que vão aprendendo. O preconceito parte dos coleguinhas mais abastados, que moram em casas com telhado de verdade e piso encerado. Nos barracos de madeirite, com luz roubada por gambiaras, o piso é de terra batida e o te-



Na falta de carro ou ônibus escolar, as carroças servem como meio de transporte para a garotada

to é um plástico preto. "É mais ou menos bom andar de carroça", diz Johnny Alves de Souza, um falante menino de 13 anos, matriculado na 5ª série.

Depois, baixa a cabeça e explica melhor o mais ou menos: "Às vezes, chego atrasado. O cavalo

empaca." Segue um instante de silêncio e o menino, que sofre de bronquite asmática, confessa ter vergonha da carroça do pai. "Tem um menino na minha sala que me chama de lixão e eu fico triste com isso." Johnny e outros dois irmãos, matriculados na escola da

Vila Planalto, moram na invasão do Setor de Clubes Sul, perto do luxuoso prédio em construção do Superior Tribunal de Justiça.

O barraco da família dele fica no meio do mato alto e de um amontoado de lixo, a 20 minutos de carroça da escola da Vila Pla-

nalto. Os livros e os cadernos da escola, Johnny guarda com capricho na mochila sempre empoeirada. A mãe sente orgulho dos estudos do menino. "Ele nunca repetiu de ano. Está dois anos atrasado porque quando estava na Bahia, o dinheiro não dava para comprar a farda (o uniforme escolar)", explica a baiana, de Barreira, Marli Alves de Souza, 29 anos.

Estudioso, o menino garante que vai ser, um dia, "alguém na vida". Quer ser professor ou advogado. Nunca deixa de fazer os deveres que os professores passam. E capricha na letra. O local de estudos é a sombra de uma árvore, perto do barraco. O chão de terra é forrado com uma caixa de papelão que o pai catou nos lixos do Plano Piloto. Sobre o papelão, o menino faz os deveres e escreve, de vez em quando, cartas para os parentes da mãe que ficaram em Barreiras. "É que ele sabe mais do que eu", diz Marli, 3ª série incompleta.

LEIA MAIS

Sobre o assunto na página 2